

VIDA COMUM E DISPÊNDIO: O CORPO INCÔMODO DE BIELA

Roniere Menezes

CEFET-MG

Para Fifi (*in memoriam*), amiga de juventude e conterrânea que aparece como figurante (costureira) no filme *Uma vida em segredo*, dirigido por Suzana Amaral.

Resumo: Este trabalho almeja tratar da imagem da personagem Biela, do livro *Uma vida em segredo*. A protagonista, vinda da fazenda para a cidade, após ficar órfã, era uma rica herdeira. Mas devido à forma como fora criada pelo pai, rude homem do sertão, e mesmo ao fato de nunca ter saído do espaço rural, sempre convivendo com a natureza e pessoas simples, mostra-se moça com hábitos, gestos, vestimentas e fala muito diferentes do comportamento e imaginário urbano burguês. A jovem parece ter sido colocada, como mulher comum, no ambiente da família dos primos para mostrar-nos quão supérfluos podem ser os interesses, as preocupações, a noção de distinção de certas classes sociais. Biela revela-se como um corpo não adaptado aos movimentos e às convenções do lugar onde fora viver. Para as pessoas da cidade, parecia um ser atrasado, destituído de valores e mesmo de inteligência. Mas com o desenrolar da narrativa, ficamos conhecendo habilidades, repertórios, afetos da personagem que, além de mostrar-se humilde, era trabalhadora, gentil e sensível, tendo a doação, o desinteresse pela posse, a sabedoria popular e oral, a compreensão profunda da culinária e da natureza, o desejo de fruição existencial e a vontade de partilhar o cotidiano com figuras menos prestigiadas na coletividade como os seus maiores atributos.

Palavras-chave: Biela, *Uma vida em segredo*, Autran Dourado, Comum, Dispêndio

Abstract: This work aims to deal with the image of the character Biela, from the book *A Life in Secret*. The protagonist, coming from the farm to the city, after being orphaned, was a rich heiress. But due to the way she was raised by her father, a rude man from the backlands, and even the fact that she never left rural areas, always living with nature and simple people, she appears to be a girl with very different habits,

gestures, clothing and speech of bourgeois urban behavior and imaginary. The young woman seems to have been placed, as an ordinary woman, in the environment of her cousins' family to show us how superfluous the interests, concerns, and the notion of distinction of certain social classes can be. Biela reveals herself as a body not adapted to the movements and conventions of the place where she went on living. To the people of the city, she seemed like a backward being, devoid of values and even intelligence. But as the narrative unfolds, we get to know the character's abilities, repertoires, and affections, who, in addition to being humble, was hard-working, kind and sensitive, with generosity, disinterest in possession, popular and oral wisdom, deep understanding of cuisine and nature, the desire for existential enjoyment and the desire to share everyday life with less prestigious figures in the community as its greatest attributes.

Keywords: Biela, A life in secret, Autran Dourado, Common, Expenditure

Este ensaio visa a refletir sobre o livro *Uma vida em segredo*, de Autran Dourado, publicado em 1964. Tentaremos mostrar como o livro do escritor mineiro revela, por meio da personagem Biela, um modo de questionar os modos de vida urbanos pautados pela moral burguesa e pela ideia de retenção e progresso. Saída do Fundão, nome da fazenda onde vivia até a morte do pai, a rica herdeira, personagem de modos rústicos e estranhos apresenta-se como um ser não adaptado aos moldes da vida citadina. Pensando em Walter Benjamin, Biela traz em seu corpo e subjetividade um arquivo de vivências e repertórios que se chocam com os hábitos da família dos primos e das pessoas da cidade onde fora viver. Ela se mostra como resquício de um passado insubmisso que impede o fluir dos desejos de pertencimento social da família urbana, um resíduo não capturável, não assimilável pela classe dominante. Algo sempre foge, escapa na relação entre Biela, a família e os habitantes da cidade.

Biela traz em seu corpo uma potência calada. Vestígios do passado podem ser vislumbrados nas vestes, gestos, falas e lembranças da personagem. Ela entra repentinamente no novo espaço em que fora viver, funcionando como um espelho invertido do imaginário burguês. Seu simples corpo parece travar a “locomotiva da história” fazendo surgir imagens e reflexões que não apareceriam sem a estranha presença da mulher da roça. A protagonista não aparece como personagem superior ao grupo, como podemos vislumbrar em várias histórias. Mostra-se como pessoas comuns e mesmo como nós, leitores, a levar a vida cotidiana sem grandes acontecimentos.

A questão do ser qualquer, do homem e mulher comum, a relação homem-natureza, o afeto pelas coisas e pessoas simples, pelos animais, tudo isso acaba colocando em questão os valores de uma modernização conservadora que se queria impor ao país entre meados dos anos

1960 e meados dos anos 1980. O que mudou e o que resta do comportamento e da subjetividade de Biela no Brasil atual?

As reminiscências relacionadas à vida na fazenda, os pássaros, a água corrente, o monjolo que marcava lentamente o passar das horas, tudo isso é contrário ao compasso imperioso do progresso. Nem tanto o movimento da pacata cidade do interior onde Biela fora viver, mas, certamente, o ritmo que se pretendia inaugurar no Brasil em 1964, época em que foi lançado o livro e que os militares dão um golpe de Estado e assumem o governo no país. Nesse sentido, o livro pode funcionar como alegorias desse jogo entre passado e futuro, entre arcaísmo e modernidade, entre natureza e cultura. Sabemos que um dos projetos mais ambiciosos dos militares era colocar o Brasil no compasso progressista das nações desenvolvidas do ocidente. O livro, portanto, age, alegoricamente, como uma “máquina de guerra” deleuziana. Posto em diálogo com o contexto de recepção, sorrateiramente, o texto deixa transparecer a ideia de que o futuro tecnológico poderia destruir memórias, arquivos, saberes que contribuiriam para uma proposta de progresso menos cega, mais aberta às diversidades socioculturais, mais respeitosa com a natureza tropical.

A busca de Biela por espaços simples, o interesse pela convivência com pessoas humildes, as constantes reminiscências relativas à “terra-mãe”, as aproximações entre humano e animal podem trazer olhares mais afetuosos a esse “estrangeiro”, a esse “qualquer um” vindo dos fundões do país. Esses seres do passado, do interior, esses migrantes trazem uma identidade deslocada. Mas, por trás da simplicidade, portam não apenas segredos, mas sabedorias, recados sobre outros modos de existência possíveis, mais próximos à noção do comum.

Biela fora criada com costumes muito arraigados à vida campestre, totalmente distantes das preocupações urbanas. A mãe morrera quando ela ainda era criança. O pai, Juvêncio Fernandes, homem de posses, mas extremamente rude, fora quem a criara, a seu modo. Com a morte deste, Conrado, primo de Juvêncio, nomeado testamenteiro e tutor de Biela, fora buscar a órfã na Fazenda do Fundão, nome que aparece não por acaso nas teias na narrativa. Conrado desconfiava de como poderia ser a vida de Biela junto com sua família na cidade:

[...] Biela não tinha com certeza nem cartilha nem Trajano, nem educação direito, criada lá na roça, só com o pai, homem fechado e meio maníaco, que nunca saíra do Fundão. E já era moça velha, para aprender. As freiras não aceitariam.¹

Prima Constância, mulher de Conrado, insistia com a vinda da moça para a casa dos parentes na cidade. O marido acabara cedendo. Interessante notar que o quarto oferecido à Biela na casa, assim que esta da vem da fazenda, é o da sala. Isto é, a moça seria recebida no novo lar, mas em

¹ Dourado, Autran. *Uma vida em segredo*. 9^a. ed. São Paulo: Difel, 1981. p. 30.

um espaço “de passagem” que fica entre a sala de visitas – próximo à porta de entrada – e a parte íntima da residência. O lugar contribui para entendermos melhor as situações que serão desencadeadas no seio familiar a partir da “incorporação” de Biela à família.

Quando chega à morada de Conrado, Constância e filhos do casal, Biela já causa estranhamento devido às suas vestes, à sua postura corporal, aos seus modos, sotaque, jeito de caminhar, ao estilo lacônico: “Meu Deus, me ajude, talvez ela tenha pensado. Quero voltar pro Fundão, pra minha toca tão sossegada, talvez tenha querido dizer”². Nota-se, na passagem, a relação entre a fazendeira e o mundo animal. No caso citado, há a relação entre o espaço da fazenda e a toca, o buraco onde um animal se sente seguro.

Em diversas outras passagens do texto, a lembrança, o desejo, levavam a moça a realizar devaneios ligados às terras do Fundão, sua “ilha” de paz: lugar de mato verde, de vento macio nas árvores, de água correndo, de frutas no pomar e de bichos no quintal, de boa culinária. Eram criadas “linhas de fuga” sempre que a personagem se sentia solitária, em desespero ou tensão, quando percebia o espaço fechado, estriado, à sua volta. As antigas lembranças – talvez mesmo inventadas – acalmavam o espírito da singela protagonista:

E ouviu a cantiga mais bonita, mais mansa, mais feita das cores do céu. Uma sensação assim tão boa, mas tão diferente, só de noite na roça, o riachinho correndo, quando esticava o ouvido para ouvir o chuá-pá do monjolo: a água enchendo o cocho, o silêncio, o ranger do cepo na tranqueta [...].³

Muitas vezes, a sensação de uma voz a cantarolar distante mesclava-se à leve lembrança da mãe que a ninava quando criança.

Assim que houve boa ocasião, prima Constança decidira comprar roupas novas para Biela. A parente não podia usar aqueles trajes arcaicos, em descompasso com as normas da família burguesa. Aí entra, inclusive, a questão da moda penetrando em vilarejos do interior de Minas. Assinala Constança: “Eu tenho uns modelos de uma revista francesa que Conrado trouxe do Rio”⁴. Mas Biela tinha intuição de que aqueles tecidos caros, as roupas chiques e elegantes não iriam combinar com ela. Aquele universo não fora feito para seu perfil. Estava penetrando em um território novo e perigoso. Ela colocava-se ao contrário do campo do excesso, do jogo das aparências. Preferia a vida mínima, o lugar da cozinha junto com pessoas que se aproximavam mais de sua percepção de mundo. Parecia que os vestidos não eram dela pois não se sentia acomodada àquelas vestes.

² *Ibidem*, p. 37.

³ *Ibidem*, pp. 43-44.

⁴ *Ibidem*, p. 54.

A insegurança sentida à mesa de jantar com a família dos primos, com os hábitos de lidar com os pratos e talheres, o desconcerto que ficava em momentos quando buscava relaxar e aparecia uma criança para arremedá-la, criticá-la, tornam-se mais brandos com a descoberta do caminho para a cozinha. Ali sempre estavam a cozinheira Joviana e o vaqueiro Gomercino, pessoas de trato simples com quem Biela se relaxava e sentia-se mais à vontade. A amizade – como pensa Derrida – acontece de fato nesse espaço da diferença, algo que se expande para contatos com empregadas de outras casas da cidade: “Falava com todos que lhe dirigiam a palavra. Mas ela gostava mesmo era de gente humilde. Parava nos portões dos quintais para conversar”⁵ Gomercino ia para o mato e trazia notícias de paisagens campestres, trazia frutas. Certo dia, Biela e o serviçal descobriram que ambos sabiam imitar pios de bichos. Nesse momento, aparece, na narrativa, uma coleção, uma lista de animais, contrária à lista dos bens de consumo presentes em lojas da cidade: “Os dois agora falavam de curiangos, de saracuras, de codornas, de socós, de nhambus, de mutuns, de macucos, ou dos variados passarinhos que faiscavam nos brejos e vojavam nos cimos das árvores [...]”⁶. Há, na descrição, a presença de saberes tidos como inúteis na roda da vida urbana. Biela, sorrateiramente, vai revelando ao leitor que não era criatura rude, seca, desprovida de virtudes, habilidades e conhecimentos. Pensamos que essa imagem construída pelo narrador contribui para uma maior atenção às vidas comuns, ordinárias que habitam as beiradas das casas, as cozinhas, os quartos de fundo. Em certo momento, prima Biela é descrita desta maneira: “Havia nela muita ternura escondida, muito amor poupado, muito carinho que humildemente procurava repartir nas prosas miúdas da cozinha, quando conversava com Joviana, quando conversava com Gomercino sobre as frutas, os pássaros, as coisas do mato”⁷. O lugar da conversa, da troca de favores, de gentilezas, a ideia de ajudar, compartilhar com o outro os trabalhos caseiros, braçais, a doação, o instante de brincadeira, de humor, de contação de história demonstra a riqueza escondida no “fundo” de pessoas comuns. Por meio dos trânsitos de Biela por instâncias marginais, esses traços pouco percebidos terminam por aflorar e ficarem em evidência.

Em um país de forte sombra escravocrata como o nosso, o fato de Biela misturar-se com empregadas, cozinheiras, ajudarem-nas nas tarefas diárias apontam para o quanto a marca da escravidão sobrevive nas moradias que se querem modernas. Inclusive porque existe o hábito de algumas tarefas não serem feitas pelos patrões. Estes devem dedicar seu tempo a outras atividades, seja ao estudo formal, a leituras, aos ensaios com instrumentos musicais, ao cuidado

⁵ *Ibidem*, p. 65.

⁶ *Ibidem*, p. 67.

⁷ *Ibidem*, p. 69.

com os negócios, etc. Biela nos mostra que todos podem fazer todas as tarefas; Joviana e Gomercino, entre outros, conheciam bem seus ofícios, desempenhavam bem sua arte.

As relações entre Biela e o mundo animal são constantes na história: “andava como um ganso”; passou a ser vista como um bicho criado pelo primo Juvêncio, “grunhiu” qualquer coisa ao ver o padre Matias; quando vestiu roupas feitas por costureiras mandadas vir por prima Constança, mostrou-se com um “aspecto grotesco de um sagui vestido de veludo, todo cheio de guizos”⁸.

Se havia a crítica, notava-se também a intuição, a forte percepção da natureza. A moça aprendera a reconhecer de longe o trote da besta, nos momentos em que o primo Conrado vinha da Fazenda do Fundão. A relação com os animais coloca Biela em diálogo com os propósitos de vida de São Francisco em que a simplicidade e o amor aos animais são dominantes. Biela parecia conhecer melhor a vida dos animais que a dos homens. A escrita de Autran Dourado traz diversas expressões ligadas à oralidade, a ditos populares. Estes, em geral, relativos a ensinamentos vindos da observação da natureza.

Em determinada passagem da narrativa, ocorre o interesse do moço Modesto por prima Biela. Constância flagra no ar um possível namoro e já pensa logo em casamento pois esse era o destino comum de toda moça de “boa família”. Biela acaba aceitando a proposta por conta da insistência de Constância, não por sua convicção. Após um breve e comportado namoro, quando acontecem conversas em que Modesto queria saber sobre valores da herança de Biela, sobre bens da fazenda – questões com as quais a “noiva” nunca se importava, deixando tudo por conta do primo Conrado –, a cerimônia é marcada. Vêm as costureiras para fazerem o vestido da cerimônia e prepararem o enxoval. Mas Modesto acaba fugindo. A solidão toma posse de Biela. Esta mostra-se cansada do jogo das aparências, da falsa imitação, da mímica da vida burguesa interiorana. Queria ser ela mesma, a todo o custo:

De repente, como se as lágrimas lhe ditassem o que tinha de fazer, principiou a arrancar violentamente os botões do vestido. O vestido aberto, tirou-o do corpo. Numa fúria que desconhecia em si mesma e só via nos terríveis momentos do pai, Biela rasgava o vestido de ponta a ponta, atirando os pedaços longe. Eles vão ver, eles vão ver agora!⁹

O discurso indireto livre, presente na última frase, aparece em outros momentos da história, demonstrando a intimidade entre olhar do narrador e voz da personagem. Ao rasgar a vestimenta, metáfora de uma sofisticação, de um enquadramento de vida e mesmo de um “regime disciplinar” que não lhe dizia respeito, Biela traz de dentro de si a noção de dispêndio. A

⁸ *Ibidem*, p. 60.

⁹ *Ibidem*, p. 112.

partir desse momento, até o final da narrativa, a personagem vai, cada vez mais, buscando retirar de si marcas da denominada boa regra da tradicional família mineira. Não que ela deixasse de encarnar também elementos de uma vida limitada pelas montanhas. Nem saberia como se lançar ao mundo, buscar outras paisagens, outras formas de vida. Mas foi mirando o interior que se despojava cada vez mais de alguma réstia de pompa que persistisse, queria o carço da humildade. Além de doar-se às amigas simples, ajudando-as nos afazeres domésticos, a protagonista vai desfazendo-se de tudo o que poderia ainda demarcar algum leve sinal de pertencimento à classe dominante. O dispêndio e a ascese tornam-se seu objetivo existencial.

Após rasgar a elegante roupa, Biela revela um forte sinal de mudança. Vai à canastra trazida do Fundão, retira de lá um velho vestido, em seguida desfaz o coque e solta os cabelos, limpando as lágrimas do rosto. Outro ponto de mudança ocorre quando a moça vai à cozinha, pega o pilão e começa a batê-lo com ritmo constante, moendo os grãos de milho. Assim, Biela demonstra a Joviana que conhecia bem aquele ofício. Percebemos ainda uma alteração na rotina de Biela quando, logo em seguida aos comportamentos relatados, Constança chama-a para o jantar e ela pede para informar à prima que daquele dia em diante iria comer na cozinha, assentada no pilão, ao lado dos empregados.

Pensando no contexto de publicação do livro, época de Ditadura Militar, período de desenvolvimento econômico autoritário no país, quando havia grande movimento migratório rumo às cidades, publicidades convidando as pessoas a usufruírem os encantos da modernidade urbana ligados ao consumo de bens e serviços, Biela faz o caminho inverso, mergulhando cada vez mais no cotidiano simples. Demonstra, assim, pela experiência concreta, a importância das partilhas diárias. Conforme foi salientado, por meio de devaneios da memória, a personagem exalta constantemente as cores, cheiros, sons e sabores da natureza. Detinha muitos saberes desvalorizados pela lógica racional dominante, conhecimentos do homem e da mulher comum: “Esticava a vista até o verde das hortas, falava do riachinho, do monjolo que fazia chuá-pá, dos verdes todos da Fazenda do Fundão, dos pastos, das lavouras dos gados. Contava causos”¹⁰. O homem e a mulher comum podem ser vistos como seres ligados ao desejo, à fruição, ao abandono de regras e controles. Sempre trazem saberes que muitas vezes não são evidenciados quando se nota apenas seu aspecto exterior, a partir de vestimentas, modos de agir, conversar, etc. Por trás de simples aparências, guardam-se diversos e ricos repertórios. Ao contrário do mundo material, da racionalidade técnica, da lógica do controle, da modernização distante de um imaginário de fato moderno, as expressões inventivas relacionadas ao cotidiano relacionam-se ao

¹⁰ *Ibidem*, p. 122.

que podemos chamar de produção imaterial: ao afeto, à comunicação, à cooperação, à criação típica do homem e da mulher comum. A respeito de Biela, podemos ler:

Falava de comidas, de doces, de quitandas, de chás caseiros, da botica do mato [...]. Sabia sempre de uma erva para os peitos, uma gordura de anta ou de paca muito boa para untar no reumatismo, umas unhas de tamandú ou tatu, de serventia contra os ares. Tudo isso ela ficava de trazer de presente, quando Gomercindo voltasse do mato.¹¹

Em relação aos conhecimentos culinários, a partir do contato com pessoas que trabalhavam nas cozinhas das casas de família, a sertaneja foi devagar deixando aflorar suas habilidades, sua singular formação:

Poucas eram as que estranhavam quando ela pegava na mão de pilão e começava a socar. Pilava milho, torrava e moía café, debulhava amendoim, catava arroz, descascava batatas. Quando gostavam de suas prendas, mostrava que sabia fazer paçoca, virar pele, torresmo. Fazia pés-de-moleque, furrundum de cidra ralada, cará cozido a seu modo, broinhas de fubá, biscoitos de polvilho que trincavam nos dentes, aquelas quitandas todas e manjares.¹²

Por suas tarefas em casa de vizinhas, Biela acabava ganhando algumas moedas, alguns trocados que guardava mais como uma coleção que como retenção – algo ligado à ordem monetária. Na inocência da moça, apareciam como presentes, lembranças da gratidão das amigas. Gostava de fazer desenhos com os níqueis sobre a colcha de sua cama, à noite, quando todos estavam dormindo. As moedas funcionavam como brinquedos a serem montados e desmontados antes de vir o sono.

Biela adquiriu o gosto de acompanhar enterros de pessoas simples de quem tinha muita pena. Aos domingos, passou a ir à Santa Casa, onde levava cesto com “doces de leite, de cocada de fita, de biscoito de polvilho, brevidade”¹³. Às vezes ia também à cadeia, mas sentia certo medo no ambiente. Ficava incomodada por não conseguir gostar muito das pessoas reclusas.

Há, na personagem, grande interesse em se aproximar do ser qualquer, do qualquer um, dos deserdados, dos que não têm proteção, daqueles que estão soltos à própria sorte, dos que labutam diariamente pela sobrevivência. Nesse sentido, percebe-se uma tonalidade cristã em Biela. Ao mesmo tempo, a protagonista – relacionada intertextualmente por alguns críticos à personagem Felicité, do livro *Um coração simples*, de Gustave Flaubert –, remete-nos a imagens literárias de crianças, loucos e poetas. Potentes criações surgem, no âmbito ficcional, dos papéis muitas vezes tortos desenvolvidos por essas figuras.

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² *Ibidem*, p. 123.

¹³ *Ibidem*, p. 134.

Cumpra salientar que, ao longo da trama, Biela desenvolveu amizade por Mazília principalmente pelo fato de gostar de ouvir a prima trazer ao ambiente da casa melodias e acordes retirados de seu piano. Mazília também gostava da agregada. Dentre todos os parentes, foi a artista da casa – talvez pela educação da sensibilidade, pela delicadeza em tocar cada tecla – que parece ter entendido melhor a existência da diferente moça. A música revela-se, além da cozinha, “espaço” de encontro de Biela consigo mesma, o que demonstra o lado sensível da “hóspede”. A harmonia vinda do piano confortava o coração da jovem interiorana, ainda que esse fato não elimine a presença do instrumento como símbolo de prestígio de classe.

Assim que a solidária pianista Mazília se casa, Biela, sentindo falta de carinho e acolhimento na morada dos primos, resolve mudar-se para o quarto dos fundos da “casa grande”, espaço localizado junto à despensa. Era um quartinho pobre, pequeno, de tijolos, e desligado da construção maior. O quarto pode representar o espaço de uma senzala, sombra duradora da escravidão, como pensa Joaquim Nabuco. O pequeno cômodo seria agora ocupado por membro de “família nobre”. Assim, o narrador contribui para aproximar ainda mais os leitores de ambientes desconsiderados pelos arranjos de uma arquitetura separatista e conservadora.

A preferência por morar no barracão nos fundos da casa, os serviços domésticos, tudo isso traz à tona um outro assunto bem contemporâneo: o lugar da empregada doméstica no conjunto da sociedade. Esse ser que muitas vezes habita o mesmo lar dos patrões, que divide sua intimidade, mas mostra-se sempre um estranho, um diferente, utilizando em minúsculos quartos de apartamentos modernos. Quando um ator, uma personagem de alta classe opta por viver como empregada, as percepções sociais tornam-se embaralhadas. Esse ato, além de outros da singela protagonista terminam por acender, entre seus parentes e pessoas do lugar, a ideia de que ela apresentava problemas mentais, talvez seria meio boba por não reconhecer seu lugar de prestígio e desprezar suas posses. Ela não se enquadrava ao espectro almejado pelo padrão social.

Biela já estava com uma tosse constante quando, numa noite fria, voltando de visita e descendo a rua da igreja, passou a sentir forte vento no corpo. Ao mesmo tempo, começou a escutar um barulho. Parecia alguém a segui-la. Quando percebeu, um cachorro magro, vira-latas, caminhava atrás dela. Era um cachorro sem dono, em noite escura e vazia. Parecia estar faminto e doente. Quando chegou ao portão de casa, esperou pelo animal, mas ele não quis entrar. Mais tarde, Biela voltou ao portão e deixou-o entreaberto. Em pouco tempo, o cão apareceu na soleira da cozinha. Deu comida e água ao bichinho: “Começou a sentir uma ligeira ternura, muita pena daquele cachorro roceiro sem ninguém. Uma vontade de coçar a cabeça do cachorro, o que será

que ele tem na orelha murcha, na pata encolhidinha? Curar as suas feridas”¹⁴. A personalidade franciscana surge plena nesse momento da narrativa.

Biela passa a ser tutora do animal que batiza de Vismundo e a quem passa a se dedicar integralmente: “Como se Vismundo fosse gente, aprendeu a amá-lo. Experimentou esse sentimento bem fundo, umedeceu-o nas suas raízes. Aprendeu a alegria, o sofrimento que é amar uma pessoa assim”¹⁵. Importante notar o modo como o narrador se refere ao bicho: “pessoa”. Qual seria a verdadeira diferença entre os humanos e os animais quando lidamos com a ordem do afeto? O amor verdadeiro talvez Biela tenha experimentado nos dias que passou ao lado de Vismundo. O cachorro perdido no mundo é quem mais se aproxima da figura deslocada, indomável e carinhosa de Biela. Torna-se interessante perceber que a partir do momento em que a moça resolvera transformar-se e assumir sua natureza, sua personalidade autêntica, os primos, pessoas importantes e donos da casa aparecem menos na narrativa.

A noite de frio fizera muito mal à herdeira que passou a tossir bastante. Biela estava muito doente. Fora levada para a Santa Casa. Seu último pedido – para grande contrariedade de Conrado – foi ser transferida para a enfermaria de indigentes. Talvez ali se sentisse mais “em casa” em sua imaginada “comunidade dos iguais”. Nesse ambiente, a personagem se despede de uma existência sensível e mal compreendida, por meio de uma cena de delírio em que sensações, lembranças e sonhos se imiscuem:

Começou a ouvir uma música de harmonium, um latido alegre de cachorro. E, num rápido instante, passaram por ela Mazília toda vestida de branco no seu vestido de noiva, a mãe sem rosto cantando a sua cantiga. O último a se fundir no azul foi Vismundo, que ainda perseguia os derradeiros pássaros do céu¹⁶.

A simples novela de Autran Dourado, onde nada de grandioso ocorre, traz à tona a potência estético-literária de um grande autor brasileiro. Autran revela-se escritor a ser lido cuidadosamente com o foco da contemporaneidade. Sua produção revela novos e insuspeitados sentidos para os estudos literários e culturais do presente. A simplicidade de Biela reflete-se na escrita também simples e clara do gênero novela. Elementos coloquiais, ditos populares, articulações da memória, mistérios, segredos e saberes vindos do mato virgem irmanam-se à figura franciscana, ascética, comum, ligada ao dispêndio, à doação que foi a rica e solitária herdeira vinda da Fazenda do Fundão. Parece que seu destino foi traçado e o livro foi escrito

¹⁴ Ibidem, p. 145.

¹⁵ Ibidem, p. 152.

¹⁶ Ibidem, p. 162.

para incomodar, para fazer-nos pensar melhor sobre nossos gestos, nossas percepções de mundo, nossas visões da natureza, nossas relações com os humanos e os animais.

REFERÊNCIA

Dourado, Autran. *Uma vida em segredo*. 9^a. ed. São Paulo: DIFEL, 1981.

Roniere Menezes é professor de Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Redação nos cursos de graduação, pós-graduação e ensino técnico do CEFET-MG. É mestre em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da UFMG, com dissertação intitulada: *Notas de um turista canibal: Mário de Andrade e a estética do inacabado*. É doutor em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFMG, com tese sobre literatura e diplomacia e realizou estágio pós doutoral no PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea) da Faculdade de Letras da UFRJ com trabalho sobre produções de arte, literatura e cultura no período da II Guerra Mundial. É autor de vários ensaios sobre literatura, música popular e cultura brasileira. Organizou, juntamente com outros professores, várias revistas acadêmicas. Em 2011, lançou o livro *O traço, a letra e a bossa: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius*, pela Editora UFMG. Organizou, em 2020, o livro *Na literatura, as canções*, pela Editora Sexo da Palavra, e foi um dos organizadores dos livros *Reinvenções da modernidade: arte e literatura no Brasil*, pela Editora Moinhos, em 2020, e *Literatura, tecnologia e trânsitos disciplinares*, pela Editora Class, em 2023.